

As fronteiras midiáticas da França: o pensamento da Comunicação e da cibercultura sob o olhar da internet brasileira

RESUMO

A Genealogia de Nietzsche e Foucault, o perspectivismo nietzschiano e a complexidade de Morin numa mesma rede interpretativa para analisar a cobertura jornalística dos conflitos na França, realizada pelo site Globo Online, entre 27 de outubro e 17 de novembro deste ano. Também são trabalhados alguns conceitos de comunicação, poder e tecnologia em Deleuze, Baudrillard e Virilio.

ABSTRACT

The genealogy by Nietzsche and Foucault, the nietzschean perspectivism and the complexity by Morin at the same net of concepts to analyze the journalistic cover on the French conflicts, between October 27th and November 17th, published by the Globo Online website. Other communication, technology and power concepts developed by Deleuze, Baudrillard and Virilio are also worked.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Comunicação (*communication*)
- Tecnologia (*technology*)
- Internet

Francisco Menezes Martins

PUCRS

Doravante, todos os fragmentos de humanidade, dispersos há dezenas de milhares de anos, acham-se inconscientemente em conexão. Mas não constituem de forma alguma, longe disso, um conjunto unificado que pudéssemos chamar de humanidade.

Morin

O PRESENTE ARTIGO trata da análise da cobertura jornalística, através da cronologia dos acontecimentos, no site brasileiro Globo Online, sobre a crise na França, a partir de 27 de outubro, quando milhares de imigrantes de origem muçulmana passaram a desafiar a ordem pública após a morte de dois jovens, de 15 e 17 anos, no interior de uma subestação, durante uma suposta perseguição policial.

Partindo de uma passagem de valores através dos tempos, o bem e o mal se encontram na relação das interpretações e, portanto, na ordem do perspectivismo, da hermenêutica e da complexidade. Neste sentido, são trabalhados alguns conceitos de Nietzsche, Morin, Foucault, Baudrillard, Virilio e Deleuze.

Na trilha de uma genealogia da cibercultura, a partir de valores de uma moral que constituiu a trama entre cultura, técnica, poder e humanismo, o texto pretende aproximar-se de uma determinada postura de pensamento, em que “a genealogia seria portanto, com relação ao projeto de uma inscrição de saberes próprios à ciência, um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos” (Foucault, 1996, p. 172).

Em quase três semanas de conflitos¹, iniciados em Paris, mas que se espalharam pela França e por outros países europeus, o governo francês decretou o estado de emergência. Mais de 9 mil carros foram queima-

dos e mais de 3 mil suspeitos foram presos. Durante três semanas, algumas ruas de Paris se transformaram em campo de batalha, onde a insatisfação de quase 5 milhões de imigrantes e descendentes de origem muçulmana foi potencializada em atos de vandalismo contra propriedades públicas e privadas. A falta de emprego e a discriminação eram apontadas como justificativa. A morte de dois jovens desencadeou o conflito. No fundo da questão, séculos de diferenças culturais. A religião como modo de vida ainda é o horizonte desta parcela da população francesa. Além dos contrastes visíveis, a moral ocidental nos discursos do governo também difundia a versão de que, por exemplo, a poligamia seria um dos motivos da desordem.

Chame-se civilização, humanização ou progresso àquilo em que se vê a distinção dos europeus, chame-se-lhe simplesmente, sem louvar ou censurar, e utilizando uma fórmula política, o movimento democrático da Europa (Nietzsche, 1996, § 242).

As visões que fundaram o modo de vida inspirado na liberdade, igualdade e fraternidade, por mais utópicas que fossem, possuíam um caráter humanista. Os ciclos migratórios ao longo do século XX transformaram as noções de nacionalismo e trouxeram, através de uma economia em processo de globalização, novas paisagens humanas a territórios europeus.

A dominação ocidental traz conseqüências que, através do gigantesco desenvolvimento das comunicações e das trocas, a ultrapassam. Assim, simbioses de civilizações e mestiçagem acontecem quase por toda a parte, favorecendo as grandes migrações, primeiro da Europa para os outros continentes e agora destes para a Europa (...) As migrações de asiáticos e africanos para a Europa favorecem diversas miscigenações. Em duas ge-

rações, a imigração produz casamentos mistos (Morin, 2002, p. 228).

Se, de um lado, o movimento de colonização praticado por França, Inglaterra, Portugal e Espanha levou o homem europeu a terras desconhecidas, de outro, o Velho Continente seria alvo de uma espécie de caminho de volta. Não mais dos europeus ou latino-americanos, africanos ou asiáticos, mas de seres híbridos em termos raciais e culturais. De que lado a força é mais potente numa sociedade que tende a oscilar entre os controles das liberdades e as liberdades que escapam dos controles, esta seria uma questão. “Portanto, não perguntar porque alguns querem dominar, o que procuram e qual sua estratégia global, mas como funcionam as coisas ao nível do processo de sujeição ou dos processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos (...)” (Foucault, 1996, p. 182).

Quando a pressão social aumenta nas periferias das grandes cidades da Europa, é justamente em áreas de interfaces religiosas e culturais agravadas pela exclusão social e econômica. “A urbanização generalizada produz enormes megalópoles, sufocantes, criando excluídos e párias. As reduções setoriais das desigualdades acontecem ao mesmo tempo que o crescimento das desigualdades entre nações e dentro das nações” (Morin, 2002, p. 242).

Como se as fronteiras não estivessem mais no exterior, mas, numa cidade, pudessem existir fronteiras internas (Virilio, 1996). As rotas seguidas pela população levam em conta as zonas de risco, onde as leis do Estado se enfraquecem diante de normas estabelecidas e que entram em conflito com a ordem pública.

Desde o início dos anos 90, o aumento do número de imigrantes de origem muçulmana e os projetos da União Européia entram em conflito. Os discursos de que o desemprego seria responsabilidade dos estrangeiros repetia uma antiga prática de terrorismo social. A xenofobia era um álibi da exclusão. Enquanto as fronteiras inter-

nas entre os países membros da União Europeia se dissolviam para os cidadãos, a exigência para 'não comunitários', com exceção feita aos Estados Unidos, aumentava consideravelmente.

Enquanto muitos europeus participam deste circuito planetário de conforto, um enorme número de africanos, de asiáticos, de sul-americanos, vive um circuito planetário de miséria. Enfrentam, no cotidiano, as contrapartidas do mercado mundial que afetam os preços do cacau, do café, do açúcar, das matérias primas de seus países. Foram expulsos de suas aldeias pela monocultura industrial originária do Ocidente; de camponeses auto-suficientes, passam a suburbanos em busca de salário” (Morin, 2002, p. 230).

A conferência eletrônica (Virilio, 1996) iniciava já no aeroporto, onde as informações do corpo eram detectadas por máquinas de controle. A segurança nacional começava no aeroporto, enfim, nas fronteiras. Sendo a circulação aérea um alvo recente e eficaz do terrorismo. Exemplo maior, o 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque.

Outros estudos apontam para a emergência de formas tecnológicas de vigilância, levando-a além das questões técnicas: para a ordem das políticas econômicas, também. “As sociedades de controle operam por máquinas de informática e computadores (...) Não é uma evolução tecnológica, sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo” (Deleuze, 2004, p. 223).

Uma vez em território europeu, o imigrante convivia com as diferenças, e isto poderia levar a dois caminhos: o da inserção no modelo de vida ocidental ou o da rejeição dos valores europeus.

Um retorno pós-moderno às Cruzadas. Uma nova Granada. Intolerâncias seculares atualizadas e fragmentadas não em um fora, mas em um dentro. Uma guerra na superfície das fronteiras internas das ci-

dades e na profundidade das crenças e ideologias, que são mistos de intolerância religiosa e humana.

Vivimos simultaneamente en la obsesión de la escena primitiva y del suspense de la fase terminal. Ésta se caracteriza, además, por la resurrección de todos los demonios de la escena primitiva, que ningún progreso ni revolución histórica ha desarmado (...) (Baudrillard, 1995, pp. 71-72).

A cena primitiva, neste caso, seria o primeiro embate religioso com finalidade de dilatação do poder de uma crença. Hoje, não mais entre cristãos e muçulmanos, mas entre ocidentais e imigrantes orientais no Ocidente. Não havendo fator natural algum tanto no anterior como no atual.

Não há verdades, portanto não há mentiras. As distinções são antigas e habitam o terreno da moral. “Destá forma Nietzsche apodera-se das interpretações que são já prisioneiras uma das outras. Não há para Nietzsche um significado original. As mesmas palavras não são senão interpretações, ao longo de sua história” (Foucault, 1997, p. 23).

Quando Nietzsche escreve sobre a inversão dos valores e situa o embate entre romanos e cristãos, como modelo de uma moral de senhores e moral de escravos, acaba citando a Revolução Francesa como um segundo momento na História, quando os escravos fizeram sua moral triunfar sobre a dos poderosos. Assim, os valores democráticos, além de tributários a Atenas, são herdeiros de ambas as inversões: vitoriosos sobre impérios e monarquias. As razões do triunfo da maioria, segundo Nietzsche, estariam na capacidade de extrair a força dos mais fortes e, quando possível, injetar o sentimento de culpa: “A rebelião dos escravos na moral começou quando o ódio começou a produzir valores (...) O contrário acontece na moral aristocrática que opera e cresce espontaneamente e não procura o seu antípoda senão para se afirmar a si mesma com maior alegria” (Nietzsche, 1977, § 10).

A difícil tarefa de situar Nietzsche onde se pensa que ele está apresenta muitas armadilhas, como, por exemplo, tentar separar os valores de suas escalas de medidas e não considerar as perspectivas de sua interpretação. A classe que toma o ressentimento como ato criador é denominada por ele, de 'sacerdotal'. A vingança imaginada passa a ser um imaginário de ligação entre os escravos contra seus opressores. Nesta re-ligação, os valores se projetam ao campo de batalha da legislação moral. A noção de que a moral aristocrática era soberana esbarraria na impossibilidade de se definir uma equação. Como hipótese, fica-se com a idéia de que todas as disputas de poder têm certo grau de moral dos escravos. Que nenhuma moral estaria livre do ressentimento, uma vez que a relação de altruísmo/egoísmo são máscaras e não verdades. Assim, ao trazer a reação, a vingança, a crença, para os conflitos na França, deve-se passar por alguns filtros interpretativos.

Em uma sociedade como a nossa, mas no fundo, em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso (Foucault, 1996, p. 179).

Há moral egoísta disfarçada de altruísta em ambos os lados da disputa. Se os muçulmanos vivem outra época e, no caso dos habitantes da Europa, há uma dissociação entre o espaço da crença e o próprio tempo das verdades, sendo uma reação (imigrantes contra o Estado), havendo em seguida uma reação à reação (a do Estado francês).

Desta forma, os atos são de vingança (imigrantes) e de disciplina e controle (Estado). Porém, as formas transfiguradas de batalha incluem um terceiro elemento: o refém (a população com cidadania francesa). Não há confrontos sem terror. O medo se

generaliza, e o apoio às políticas anti-estrangeiros conquista simpatia. Segundo a correspondente da Globo em Paris:

Sarkozy tem apoio de 68% dos franceses, diz pesquisa Uma pesquisa divulgada ontem revelou que quase sete franceses em cada dez (68%) aprovam a ação do ministro do Interior, Nicolas Sarkozy, para combater a violência nos subúrbios. Sarkozy adotou uma linha-dura e chegou a classificar jovens que incendiavam carros e se confrontavam com a polícia de "escória da sociedade". A pesquisa confirma não apenas a popularidade de Sarkozy, mas também o apoio da maioria da população a seus métodos de ação (GLOBO ONLINE, 17/11/05).

Segundo a mesma reportagem, o ministro do interior e outros políticos acreditam que os valores dos estimados 5 milhões de imigrantes de origem muçulmana não condizem com a moral vigente:

A direita francesa mergulhou numa busca por culpados da revolta dos jovens — muitos deles franceses de origem árabe muçulmana — que tomou conta das periferias do país. Dois importantes políticos conservadores disseram ontem que a poligamia, praticada sobretudo por famílias muçulmanas, está por trás dos distúrbios (GLOBO ONLINE, 17/11/05).

O discurso oficial inclui valores morais na análise dos conflitos e exclui as questões econômicas. A falta de emprego é responsabilidade do governo, mas os jovens muçulmanos devem se adaptar ao modo de vida francês. A falta dos imigrantes é não terem sido ensinados a valorizar a visão francesa em detrimento da sua.

A consequência é a mistura de problemas, tendo a população como 'refém' do conflito e desejando a expulsão dos estrangeiros. Segundo o site:

A sondagem revela, por exemplo, que 63% dos franceses aprovam a idéia do ministro de expulsar jovens estrangeiros envolvidos na revolta. Sarkozy é hoje o político com mais chances de chegar à Presidência da França, nas eleições de 2007.

Numa entrevista ao jornal inglês "Financial Times", o ministro do Emprego, Gerard Larcher, disse que alguns jovens têm comportamento anti-social porque foram criados em famílias polígamas. A falta de um pai presente teria contribuído para o "comportamento anti-social". É por isso, argumentou ele, que empregadores relutam em contratá-los.

— Como parte da sociedade apresenta este comportamento anti-social, não surpreende que alguns deles tenham dificuldades para encontrar trabalho — afirmou (GLOBO ONLINE, 17/11/05).

A "vontade de domínio" (Nietzsche, 1977) encontra-se nos detalhes do plano de pacificação da França. Sendo o problema identificado com a não adaptação de certos estrangeiros, o castigo seria a sua retirada do território. Entre as diversas modalidades, Nietzsche (1977) elenca 11 tipos de castigo no aforisma XIII do segundo livro². O autor ressalta, no entanto, que esta lista não é completa pois o 'castigo encontra a sua utilidade em todas as circunstâncias' (Nietzsche, 1977, § XIV).

De acordo com as notícias disponibilizadas na internet, é possível relacionar os valores morais com os castigos impostos. Ressalta-se, aqui, que há diversos graus de aplicação dos mesmos.

No noticiário que chega ao Brasil, a versão é a de excluídos rebeldes que afrontam a paz social. Não há juízo de valores, no sentido de se condenar o lado das políticas de governo para o combate da violência. Ao longo dos dias, as informações chegam e se fragmentam na percepção dos portais jornalísticos na internet. Provenientes de agências dos Estados Unidos, França

ou Inglaterra, a informação se torna parte visível.

A avalanche técnica e burocrática devasta cada vez mais as culturas, os modos de vida, as artes de viver. Os poderes civilizadores dos Estados-nação, ultrapassando diante de todos os grandes problemas, cuja natureza é internacional e planetária, são acompanhados por poderes cada vez mais destrutivos (Morin, 2002, p. 242).

Neste artigo, a atuação do principal site das Organizações Globo, a maior empresa de comunicação do Brasil, e uma das maiores do mundo, revela um distanciamento maior do conflito do que na cobertura da invasão do Iraque pelos Estados Unidos, por exemplo. Ainda que a recorrência seja, praticamente, às mesmas agências de notícias, o site brasileiro não utiliza apelos emocionais, como no caso do julgamento midiático do presidente dos Estados Unidos.

Talvez a maior ameaça ao planeta resulte da aliança entre duas barbáries: a primeira vem do fundo dos tempos históricos e traz a guerra, o massacre, a deportação, o fanatismo; a segunda, gelada, anônima, vem de nossa civilização tecno-industrial, só conhece o cálculo e ignora os indivíduos, a carne deles, os sentimentos, almas. Uma nova forma de aliança entre as duas barbáries manifestou-se subitamente em 11 de setembro de 2001 (Morin, 2002, pp. 242-243).

A noção de uma concentração da informação em empresas multimídia acompanha o pensamento da comunicação desde o final de século XX. Quando do advento da internet, muitas hipóteses surgiram. Embaladas pela interação com as possibilidades técnicas, a relação da comunicação com as redes digitais acentua a convergência, assim como a divergência. Em um modelo ocidental, baseada na liberdade do li-

beralismo e no comércio generalizado de produtos e serviços, a internet tem a participação mundial, mas a administração pertence aos Estados Unidos.

O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros (Foucault, 1996, p. 5)

Neste aspecto, a cibercultura (Lévy, 1997) é uma dialética de liberdades pessoais e grandes negócios. A exploração individual no digital se realizava na mesma medida em que as empresas de comunicação, entre tantas outras, buscavam formas de atuar no recente mercado globalizado da comunicação e do jornalismo. Novas disposições de saberes e, portanto, também de poderes.

O poder é precisamente elemento informal que passa entre as formas do saber, ou por baixo delas. Por isso ele é dito microfísico. Ele é força, e relação de forças, não forma. E a disposição de forças em Foucault, prolongando Nietzsche, é um dos pontos mais importantes de seu pensamento (Deleuze, 1996, p. 122).

Estão na relação de dominação e castigo com finalidades generalizadas de melhoramento da humanidade, as vocações democráticas do governo da França. Um homem sem domesticação concluída. Um rebanho que se recusa a se ocidentalizar plenamente. Um problema social fruto da globalização. Uma versão atual do embate entre forças da moral. Aspectos de inversões de valores.

Um espaço de confluência de valores separados pelo tempo das culturas. Na fronteira interna das cidades, a insatisfação explode e ganha visibilidade nas redes comunicacionais, informativas e de socialidade do ciberespaço. A separação é geográfi-

ca, mas com a espacialização do tempo e a trama complexa de valores humanos, os cenários se transfiguram em dados informativos para as agências de notícias e grandes empresas jornalísticas.

Os envolvidos no conflito são, de um lado, instituições disciplinares com táticas de controle, de outro, pessoas vigiadas e controladas ao serem vistas como um perigo para a ordem. Entre as trincheiras, o restante da população francesa, como refém do terrorismo de Estado e do terrorismo fundamentalista. Nos demais países, o simulacro (Baudrillard, 1995). Reféns midiáticos de acontecimentos não vividos, mas que são a audiência para discursos de valores de uma moral liberal e ocidental: democracia e liberdade de imprensa, inclusão social e digital.

Na perspectiva de que os valores são discursos e práticas da moral, resta buscar compreender que superação ou abandono deste conceito pode ser observado em objetos midiáticos. Se o discurso de uma cena já é a “interpretação moral do fenômeno” (Nietzsche, 1996) não há lacunas para naturezas contra culturas.

Se os valores estão dispostos de forma a estarem justapostos, em cruzamento e numa teia moral indissolúvel, eventos como os conflitos na França remetem às análises de uma genealogia (Foucault, 1996), onde, não havendo uma origem, a noção é a de não naturalidade de qualquer valor revelado. “A história deste recobrimento seria aproximadamente a própria história do saber na sociedade ocidental desde a Idade Média; história que não é a do conhecimento mas sim da maneira pela qual a produção de verdade tomou a forma e se impôs a norma do conhecimento” (Foucault, 1996, p. 116).

Assim, com tantas fontes de informação, com a expansão das redes digitais, a versão dos vencidos, ou dos ex-colonizados em seu território, ainda é um discurso de poder. Os imigrantes como uma parcela subdesenvolvida da população e o Estado protetor, que pune por vigilância e re-

pressão, para um objetivo democrático de melhorar a França.

O presidente Chirac diz que a França vive uma “crise identidade” e anuncia uma força-tarefa para ajudar jovens carentes a conseguir emprego e reduzir as tensões na periferia das grandes cidades. O governo lança projeto de lei para ampliar o prazo do estado de emergência no país (GLOBO ONLINE, 16/11/2005).

Ao longo da cobertura jornalística, valores humanos são argumentos deste poder de disciplina e controle coexistindo em áreas urbanas de profundas diferenças de valores, ainda que a inserção social seja um impulso para muitos desses jovens de origem muçulmana que protagonizaram um enfrentamento. A moral de uma tradição religiosa é um horizonte mais amplo para eles.

O restante da população, vivendo o toque de recolher, no entanto, reage:

Mesmo com o estado de emergência, 617 automóveis são queimados no país. Para conter a ação de jovens, moradores de subúrbios de Paris formam milícias. O ministro do Interior, Nicolas Sarkozy, determina a expulsão de todos os estrangeiros envolvidos nos distúrbios, mesmo se tiverem vistos (GLOBO ONLINE, 16/11/2005)

As notícias revelam que as contradições de poder são parte da postura do governo, que oscila entre punir e melhorar as condições de vida dos imigrantes. Também, entre incentivar e reprimir as ações policiais, assim como entre aceitar plenamente e expulsar as diferenças do território francês. A visibilidade mundial da crise retorna como análise de um fragmento, de uma atualização de uma questão secular. Os conflitos por intolerância a valores de outra perspectiva de bem também entram em rede. A partir de um episódio específico, a revolta se espalha por outras cidades

e países da Europa. Como se o mundo tivesse a repetição de suas cenas de batalhas como destino trágico •

Notas

- 1 Esta é a cronologia da crise, segundo agências internacionais assinadas pelo GLOBO ONLINE, www.globoonline.com.br :

16 de novembro de 2005 - PARIS - Violentos confrontos entre jovens e policiais sacodem bairros da periferia pobre de Paris e outras cidades da França desde 27 de outubro. Os confrontos começaram após a morte de dois adolescentes de origem africana em Clichy-sous-Bois.

27 de outubro de 2005 - Os jovens Bouna Traore, de 15 anos, e Zyed Benna, de 17, morrem eletrocutados dentro de uma subestação, onde se esconderam, aparentemente, porque achavam que estavam sendo perseguidos pela polícia. Um terceiro adolescente ficou ferido. Horas depois, cerca de duzentos jovens começam os distúrbios e pelo menos 15 veículos são incendiados.

28 de outubro - No bairro parisiense de Chene-Pointu, cerca de 400 jovens entram em confronto na madrugada com entre 250 e 300 policiais. Sete agentes ficam levemente feridos. Cerca de 300 carros são incendiados.

29 de outubro - Cerca de 500 fazem uma marcha silenciosa em homenagem aos jovens mortos.

30 de outubro - O ministro do Interior, Nicolás Sarkozy, nega que os policiais tenham perseguido os jovens mortos e defende a política de “tolerância zero” contra a violência urbana.

Vários esquadrões da polícia são enviados para Clichy-sous-Bois. Distúrbios eclodem em outras áreas como Clichy, Montfermeil e La Forestière, onde uma bomba de gás lacrimogêneo, do tipo usada pela polícia, foi lançada contra uma mesquita. Pelo menos seis policiais ficam levemente feridos e 15 pessoas são presas.

31 de outubro - As famílias das vítimas se negam a se reunir com Sarkozy e pedem para ser recebidas pelo primeiro-ministro francês, Dominique de Villepin. Confrontos à noite em vários lugares perto de Paris terminam com a prisão de 12 pessoas e dezenas de veículos incendiados. A polícia afirma ter controlado a situação após o deslocamento de 400 agentes anti-distúrbios.

1º de novembro - Premier francês recebe as famílias das vítimas, na presença de Sarkozy, e promete esclarecer a

circunstância da morte dos jovens.

À noite, a violência se estende por outros departamentos de Seine-et-Marne, Yvelines e Val-d'Oise, onde pequenos grupos, em constante movimento, desafiam a polícia. Cerca de 60 carros são incendiados e 12 pessoas, presas.

2 de novembro - O presidente da França, Jacques Chirac, pede a "volta da calma" e o "respeito às leis". O porta-voz do governo anuncia um plano de ação para zonas urbanas "sensíveis".

Um tribunal de Bobigny, perto de Paris, condena a até 10 meses de prisão alguns dos detidos, em julgamentos rápidos.

Vários edifícios são alvos de vandalismo. Uma explosão durante a madrugada danifica um escritório em Blaye, no norte de Burdeos. Cerca de 315 carros são incendiados em dezenas de locais perto de Paris, na sétima noite de distúrbios. O total de detidos desde o início dos confrontos chega a 135.

3 de novembro - O premier Villepin se reúne com autoridades regionais e representantes de associações em busca de soluções para os problemas da periferia. As famílias dos jovens eletrocutados entram com uma acusação formal contra a polícia por não assistir a uma pessoa em perigo.

Cerca de 400 veículos são incendiados em novos confrontos, sendo que 150 em uma concessionária em Seine-Saint-Denis. Distúrbios eclodem em outras cidades como Dijon, no centro-leste, e nos departamentos de Bouches-du-Rhône, no sudeste, Côte-d'Or, no leste, e em Seine-Maritime, no noroeste.

4 de novembro - A violência eclode nos subúrbios pobres do nordeste de Paris. Bombeiros correm para apagar focos de incêndio no subúrbio de Val d'Oise depois que jovens incendiaram cerca de 10 carros e dois prédios, um deles uma padaria.

Em outro subúrbio, Epinay-sous-Bois, cerca de 40 jovens, usando máscaras para esconder seus rostos, depredam cerca de 10 carros.

5 de novembro - Pela primeira vez, a violência chega ao centro de Paris. A polícia diz que 1.295 veículos foram incendiados em todo o país. Distúrbios são relatados em cidades e subúrbios de toda a França.

6 de novembro - Mais de 1.400 veículos são incendiados e 36 policiais ficam feridos em tumultos. Os distúrbios se estendem por 274 povoados e a polícia detém 395 pessoas. Em seu primeiro discurso sobre a violência, o presidente, Jacques Chirac, promete restaurar a ordem.

7 de novembro - Morre um homem de 61 anos agredido por jovens, tornando-se a primeira baixa da onda de

violência. O governo decide impor toque de recolher onde for necessário e convocar 1.500 reservistas da polícia. Durante nova noite de violência, 1.170 veículos são incendiados e 330 pessoas, presas. Atos de violência são registradas na Alemanha e na Bélgica.

8 de novembro - Chirac declara estado de emergência que permite impor toque de recolher nas cidades atingidas por violência invocando lei de 1955 para a guerra na Argélia.

9 de novembro - Mesmo com o estado de emergência, 617 automóveis são queimados no país. Para conter a ação de jovens, moradores de subúrbios de Paris formam milícias. O ministro do Interior, Nicolas Sarkozy, determina a expulsão de todos os estrangeiros envolvidos nos distúrbios, mesmo se tiverem vistos.

10 de novembro - O Ministério do Interior da França suspende oito policiais por "violência ilegal", depois de dois deles baterem em um jovem detido durante distúrbios em subúrbio no norte de Paris. Os outros seis assistiram à agressão. Mais de 480 veículos foram queimados e centenas de jovens foram detidos em várias regiões da França.

11 de novembro - Mesquita em Carpentras, no Sul da França, é atacada com coquetéis molotov, sem causar danos significativos e ferimentos. Novamente, centenas de veículos foram incendiados no país, mesmo com o toque de recolher e a proibição de aglomerações em algumas regiões.

12 de novembro - A polícia antidistúrbios francesa age com rigor para dispersar um grupo de jovens que preparava uma manifestação no centro de Lyon, a segunda maior cidade do país. Agentes são agredidos com pedras e usam bombas de gás lacrimogêneo para dispersar o grupo, na 17ª noite consecutiva de confrontos na França. Dez pessoas são presas. Centenas de veículos são incendiados em todo o país. Uma escola também é incendiada em Carpentras, onde na véspera duas bombas foram lançadas contra uma mesquita, em um incidente veementemente condenado por líderes políticos e religiosos.

13 de novembro - Embora mais fracos, os distúrbios continuam (374 veículos incendiados), gerando um prejuízo total de cerca de R\$ 510 milhões desde 27 de outubro - a maior parte vem da destruição de centenas de depósitos, lojas, escolas e ginásios esportivos.

14 de novembro - O presidente Chirac diz que a França vive uma "crise identidade" e anuncia uma força-tarefa para ajudar jovens carentes a conseguir emprego e reduzir as tensões na periferia das grandes cidades. O gover-

no lança projeto de lei para ampliar o prazo do estado de emergência no país.

15 de novembro - Villepin visita de surpresa áreas atingidas por conflitos. A Câmara Baixa do Parlamento francês aprova a ampliação do estado de emergência por três meses. Sarkozy diz não descartar estender o prazo além desse período.

2 NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Lisboa. Editora Moraes. 1977. Livro II. § XIII.

1) **Castigo**, meio de impedir o criminoso de continuar a causar dano. 2) **Castigo**, meio de redimir-se para com a pessoa ofendida e sob qualquer forma (por exemplo uma compensação em forma de dor). 3) **Castigo**, meio de restringir e limitar uma perturbação de equilíbrio para que não se propague. 4) **Castigo**, meio de inspirar terror aos que determinam e executam o castigo. 5) **Castigo**, meio de compensar as vantagens obtidas até então pelo criminoso (por exemplo, quando se utiliza como escravo numa mina). 6) **Castigo**, meio de eliminar um elemento degenerado (e às vezes toda uma família, como na China; pois, de depurar a raça e manter o tipo). 7) **Castigo**, ocasião de festa para celebrar a derrota de um inimigo, enchendo-o de insultos. 8) **Castigo**, meio de criar uma recordação, quer no castigo 'correção', quer nos espectadores. 9) **Castigo**, pagamento de honorários ao poder que protege o malfeitor contra os excessos da vingança. 10) **Castigo**, compromisso com o estado primitivo da vingança, mantido em vigor por poderosas raças que o reivindicam como um privilégio. 11) **Castigo**, declaração de guerra e medida de polícia contra um inimigo da paz, da lei, da ordem, da autoridade, violador dos tratados que garantem a existência da sociedade, perigoso, rebelde, traidor e perturbador, a quem há que combater por todos os meios que a guerra dispõe.

Referências

BAUDRILLARD, J. *El Crimen Perfecto*. Barcelola: Anagrama, 1995.

BAUDRILLARD, J. *La Ilusión del Fin - la huelga de los acontecimientos*. Barcelona: Anagrama, 1993

DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2004.

FOUCAULT, M. *Nietzsche, Freud e Marx*. São Paulo: Princípio Editora, 1997.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 2005.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1996.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1997.

MORIN, E. *O Método 5 - a humanidade da humanidade: a identidade humana*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Lisboa: Editora Moraes, 1977.

NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VIRILIO, P. *Espaço Crítico*. São Paulo: Editora 34, 1996.

Sites

GLOBO ONLINE - www.globo.com/globoonline - acessado de 27 a 17 de novembro de 2005